

Lecia Cornwall

**Segredos de Uma Condessa
Respeitável**

Tradução
Sofia Gomes

 Planeta

Para Stephen, Griffin e Olivia e em memória
de Mary, admirável artífice de palavras.

Capítulo 1

Isobel Maitland, a condessa de Ashdown, olhava o homem como uma prostituta barata. Devia ter vergonha, pois não podia dar-se ao luxo de ser apanhada nem sequer numa atitude só um pouco chocante, como ficar de olhos cravados num cavalheiro bem-parecido em pleno baile.

Mas estava num canto sombrio do salão apinhado de gente de Evelyn Renshaw, escondida atrás da máscara que lhe cobria quase todo o rosto. Sentia-se bastante invisível e era óbvio que o que estava a ver lhe agradava.

O cavalheiro que tinha debaixo de olho era alto, esguio e atraente, com um corpo atlético e em forma, feito para cada um dos pecados de que o acusavam. Por baixo da sua máscara negra Isobel viu que os olhos lhe brilhavam enquanto ele falava com o séquito de adoradoras que o rodeavam. Sorriu, mostrando dentes brancos e umas covas no rosto fundas o suficiente para alguém nelas se afogar, e Isobel sentiu o coração esvoaçar, e imobilizar-se logo de seguida, quando uma das admiradoras encostou ao braço dele o seu generoso peito.

Na opinião de Isobel, enquanto *voyeuse* e enquanto mulher, a boca era o que havia nele de mais fascinante. Viu os lábios dele curvarem-se, sorrirem e ondularem enquanto distribuía o seu charme por um grupo de mulheres fascinadas e sentiu os lábios responderem retorcendo-se. Não conseguia ouvi-lo, pois estava no lado oposto do salão, mas percebeu que a conversa era maliciosa. O rubor de uma mulher, batimentos de um leque contra uma face, uma boca aberta, o franzir de uns lábios

pintados diziam tudo. O patife sorria do embaraço que estava a causar, um canto da boca inclinado de forma irresistível.

Isobel sabia quem era o cavalheiro, apesar da máscara, bem como o que se dizia acerca das deambulações daqueles lábios pecaminosos e do que aquela boca firme, insolente, cem por cento masculina, era capaz de fazer. Admirara-o das sombras noutras ocasiões sociais, chegando mesmo a imaginar-se a namoriscá-lo, mas nunca se atrevera a olhá-lo de forma tão descarada como naquela noite. Passou um dedo pela renda engomada que debruava a sua máscara, satisfeita por estar disfarçada.

Phineas Archer, o marquês de Blackwood, era famoso, titular, rico e um perigo para o sentido de decoro de uma senhora. O seu ilustre apelido, a vasta fortuna que herdara dos antepassados e o estatuto de solteiro mais desejado de Inglaterra tornavam a sua presença aceitável nos círculos mais distintos, apesar da sua reputação. As credenciais de Blackwood faziam a alta sociedade fechar de bom grado os olhos às suas «aventuras». Naquela altura em especial, com a Temporada Londrina a começar e uma nova fornada de debutantes a ser levada para a cidade para arranjar marido, Blackwood tinha muita procura.

Não obstante, Isobel achou-o deslocado no elegante salão de baile de Evelyn. Tinha um comportamento pouco convencional, apesar da sua excelente linhagem e dos seus fatos de bom corte. Era qualquer coisa de perigoso que havia nos seus olhos, concluiu, ou talvez o facto de não parar de perscrutar a sala como um predador em busca de presa.

Blackwood inclinou-se para uma dama, a fim de lhe murmurar qualquer coisa ao ouvido, e ela reagiu desequilibrando-se. Amparou-lhe o cotovelo com a mão, num gesto em que se especializara, impedindo-a de cair. Isobel sorriu.

Ele era *muito* bom a fazer de patife.

Se fosse uma jogadora – coisa que não era de modo algum –, apostaria que o nome de Blackwood figurava em primeiro lugar na lista de potenciais maridos de todas as ingénuas debutantes. Como é óbvio, não havia mãe casamenteira que não estivesse convencida de que a sua doce e virginal filha iria capturar, agrilhoar e domesticar o malvado marquês. Num plano mais realista, as mães, ou mesmo as filhas de olhar sonhador, sabiam que se a inocente noiva não fosse capaz de lhe satisfazer os gostos

selvagens, a fortuna do marido servir-lhe-ia de consolo e convencê-la-ia a fechar os olhos à vida escandalosa que ele levava.

Do ponto onde se encontrava, ao fundo entre as sombras, Isobel achou que seria decerto uma pena o endiabrado, elegante e despreocupado marquês ser domado.

Duvidava mesmo que tal fosse possível.

As histórias das suas aventuras faziam tudo o que subia ao palco no Covent Garden parecer banal. Os rumores acerca dele eram um prazer perverso desfrutado ao chá das cinco nas melhores salas de Londres. Isobel ficava suspensa de cada palavra, saboreava cada episódio, embora fingisse sentir a mesma indignação e a mesma indiferença que todas as senhoras respeitáveis mostravam, apesar da estranha excitação que a invadia.

Por baixo da seda vermelho-cereja da máscara, fechou os olhos e sorriu, dando livre curso aos seus pensamentos licenciosos. Aqueles ombros, o modo como ele se mexia, era tudo tão...

– Já nos conhecemos?

Isobel abriu muito os olhos.

O marquês de Blackwood ali mesmo à sua frente!

Visto de perto, era mais alto, mais forte, mais perigosamente viril do que pensara. O coração de Isobel acelerou e uma onda de calor atravessou-a dos pés à cabeça. Olhou em volta, mas por sorte ninguém a observava.

– Estava a olhar para mim – acrescentou, ignorando o facto de ela estar demasiado aturdida para falar. O tom era de brincadeira, a voz profunda e sensual. Fez vibrar uma qualquer corda tensa dentro dela.

Foi como se a tivesse surpreendido nua.

Isobel examinou o sorriso curioso e divertido no rosto dele e a cova do queixo. Os lábios alargaram-lhe ainda mais esse sorriso e percebeu que ele se dera conta da sua aflição. Os olhos experientes e semicerrados por detrás da máscara estavam fixos na sua boca aberta, pintada de um provocante escarlate a condizer com o disfarce.

Isobel fechou-a de forma audível e recompôs-se.

Não era possível tê-la reconhecido visto que na verdade não se conheciam. Ele nunca a tinha sequer *entrevisto* nas poucas ocasiões sociais

a que ambos haviam comparecido. Sendo uma viúva recatada e respeitável, não era o gênero dele.

O comportamento de Isobel obedecia a regras rigorosas, discriminadas no testamento do marido e aplicadas pela sua sogra. Felizmente, Honoria detestava bailes de máscaras e não estava presente. Além disso, a sogra podia controlar a sua vida, mas os pensamentos continuavam a ser controlados por ela e não era a primeira vez que deixava a sua imaginação ir onde as mãos não podiam, no que tocava a Blackwood.

Embora os pensamentos pecaminosos fossem inofensivos, ali estava ele à sua frente, a sorrir, à espera que dissesse qualquer coisa.

– Eu... – Isobel engoliu em seco e ponderou. Podia fugir sem dizer palavra, mas permanecer abria possibilidades que a intrigavam. Que mal poderia fazer namoriscar com o mais belo dos patifes uns minutos antes de outra atrair a sua atenção?

Há quanto tempo não via um brilho apreciativo como aquele nos olhos de um cavalheiro? O marido morrerá havia dois anos e mesmo antes disso... Mordeu o lábio.

Aquela podia ser uma oportunidade única de namoriscar, de se sentir bonita e admirada. Alguém iria saber se ela se entregasse por uns breves minutos ao calor fulgurante de um prazer tão inofensivo?

Dúzias de senhoras namoriscavam. Por que não ela? Endireitou os ombros, olhou-o de frente e deixou o anonimato torná-la ousada.

– Não, não nos conhecemos, senhor. Mas não é essa a graça de um baile de máscaras? Usufruir do mistério de não saber com quem se está a falar até ao tirar das máscaras?

Ele abafou um risinho sedutor que foi como uma unha a tocar ao de leve os seus nervos, já tensos só com a sua proximidade.

– Mas o desmascaramento não é uma prática desastrosa? – replicou ele. – À meia-noite iremos felicitar-nos uns aos outros pelas nossas máscaras perspicazes e todos sentiremos uma enorme decepção quando constataremos que Cleópatra é afinal Lady Dalrymple, apertada dentro de um espartilho e demasiado pintada. É preferível continuarmos mascarados, na minha opinião. É mais estimulante.

Os olhos dele percorreram-na, demorando-se a avaliá-la da cabeça aos pés e só com um grande esforço Isobel conseguiu permanecer imóvel.

– O seu fato é espectacular, se me permite dizê-lo, minha senhora. Creio que nunca vi nada que se parecesse.

Isobel passou a mão pela lapela de damasco da jaqueta turca longa e justa que cobria pudicamente a seda delicada da túnica e das largas calças *saruel*, tapando-a do pescoço às pernas. Com o movimento, os minúsculos guizos inseridos nas bainhas tilintaram. Isobel sentia-se bonita e mesmo desejável na companhia dele, emoções raras para ela. Corriam pelas suas veias como bolhas de champanhe, inebriando-a.

– Agradeço a Vossa Senhoria, mas devo dizer que o seu não é nada original.

Ele usava um dominó preto e uma máscara lisa por cima de uma casaca normal, embora tivesse feito o esforço mínimo de lhe juntar uma espada antiga bastante ornamentada. A arma encostava-se à anca e à coxa, realçando-lhe a altura, com as pedrarias embutidas no punho e na bainha a cintilar.

Blackwood inclinou a cabeça.

– Sem dúvida. Tem toda a razão, claro, mas decidi vir a esta festa à última hora. Pedi a máscara e o dominó emprestados a uma atriz que conheço bastante bem. Quanto à espada, pertenceu a um dos meus antepassados. Arranquei-a da parede, pu-la à cintura e mandei o meu coche tomar esta direcção. – Voltou a dirigir-lhe o seu sorriso malandro. – E ainda bem que o fiz.

Ela devolveu-lhe o sorriso, certa de que a máscara ocultaria não só a sua identidade mas também o rubor, do mesmo modo que os seus sapatos bordados escondiam os dedos dos pés encurvados de prazer.

– Suponho que devia perguntar-lhe se deseja dançar, ou um copo de limonada, ou... – inclinou-se para a mão de Isobel e levou-a aos lábios, sem tirar os olhos dela – ... talvez dar uma volta pelo jardim? – Mesmo para uma viúva recatada como Isobel, as suas intenções não podiam ser mais claras. Estavam expressas no olhar quente que ele lhe lançava por detrás da máscara e nos círculos que o polegar lhe desenhara com suavidade na mão quando a levou mais uma vez aos lábios.

Isobel arrancou a mão da dele e respondeu com uma audácia ainda maior:

– Senhor, decerto confundiu-me com outra pessoa! Se soubesse alguma coisa a meu respeito, saberia que prefiro champanhe a limonada e que uma volta pelo jardim não lhe proporcionará qualquer oportunidade de me roubar um beijo. Lady Evelyn tem os seus jardins muito bem iluminados durante as festas a fim de evitar tais liberdades. – Viu-lhe nos olhos admiração pela sua inteligência. O que aqueceu todos os centímetros cobertos de seda do seu corpo.

Ele ofereceu-lhe o braço.

– Procuremos então um copo de champanhe... – Aproximou a boca da orelha dela, permitindo que a sua voz a perturbasse, que as suas palavras a excitassem. – Depois disso trataremos de extinguir algumas das tochas acesas no jardim.

A sugestão segredada fê-la sentir um delicioso pequeno arrepio na coluna.

Devia correr para o abrigo da companhia sã e moralmente impecável de Evelyn, ou pedir licença e refugiar-se na saleta das senhoras até se sentir mais segura de si. Mas não o fez.

Naquela noite queria ser tudo menos Isobel, a insípida condessa viúva de Ashdown, a mulher para quem nenhum homem jamais olhara da maneira que Blackwood agora a olhava. Era perigoso, divertido e irresistível.

Pousou a mão na lã fina da manga dele, dirigiu-lhe um sorriso atraente, destinado a sugerir que aquilo para ela não era novidade, e deixou-o desencaminhá-la.